

## **A genealogia de uma perda: Bloom e o messiânico em *Circe***

Hugo Simões

Submetido em 11 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 28 de novembro de 2017.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 55, dezembro de 2017. p. 303-315

---

### **POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL**

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
  - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
  - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
  - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
- 

### **POLÍTICA DE ACESSO LIVRE**

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>  
Sexta-feira, 29 de dezembro de 2017  
17:59:59

## A GENEALOGIA DE UMA PERDA: BLOOM E O MESSIÂNICO EM *CIRCE*

### THE GENEALOGY OF A LOSS: BLOOM AND THE MESSIANIC IN *CIRCE*

Hugo Simões<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo se debruça sobre a questão da representação do judaísmo de Leopold Bloom na obra *Ulysses*, de James Joyce, a partir de um pequeno excerto genealógico encontrado em seu décimo quinto episódio: *Circe*. Nesse pequeno trecho, Bloom é apresentado enquanto um Messias, figura mítica central às tradições judaicas e cristãs – um referente complexo que pode abarcar, inclusive, a insuperável morte de seu filho, Rudy Bloom. A genealogia enquanto lembrança de uma perda seria, todavia, ambivalente: o filho e o judaísmo se entrecruzam nas ausências do messianismo de Poldy. Assim, através da mística judaica talvez se encontre uma interessante chave de leitura para *Ulysses* joyceano. Para tanto, utilizamos tanto estudos do monumental *Ulysses*, quanto da obra de teólogos e filósofos como Gerschom Scholem e Mircea Eliade

**PALAVRAS-CHAVE:** *Ulysses*; judaísmo; messianismo; genealogia.

**ABSTRACT:** The following article focuses on the issue of the representation of Leopold Bloom's Judaism in the oeuvre *Ulysses*, by James Joyce, after a small genealogic excerpt found in its fifteenth episode: *Circe*. In this short excerpt, Bloom is presented as a Messiah, a central mythical image in Judaic and Christian traditions; a complex reference which may even encompass his son's death (Rudy Bloom). The genealogy as a reminder of a loss is, however, ambivalent: the son and the Judaism intertwine in Poldy's messianism full of absences. Perhaps, through the Jewish mysticism lies an interesting reading possibility for Joyce's *Ulysses*. In order to achieve it we use both researches about *Ulysses* and theological and philosophical studies, as the ones from Gerschom Scholem e Mircea Eliade.

**KEYWORDS:** *Ulysses*; Judaism; messianism; genealogy.

#### 1. Introdução

UMA VOZ  
Bloom, sois vós o Messias ben José ou ben Davi?

BLOOM  
(Sombrio) Tu o disseste.

O judaísmo é uma das infindáveis lentes de leitura possíveis do *Ulysses* joyceano. Talvez ainda pouco explorada pela crítica em língua portuguesa, mas amplamente debatida na crítica em língua inglesa, a figura de Leopold Bloom enquanto judeu é uma intrigante e divertida quebra de estereótipos ao longo do monumental romance de James Joyce. São muitos os fatores envolvidos na construção da

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, bolsista CAPES. E-mail: hsimoes.90@gmail.com.

personagem, dos hábitos alimentares<sup>2</sup> aos referenciais diretamente extraídos de escrituras sagradas judias e cristãs. No presente ensaio, nos deteremos em um curtíssimo fragmento de *Circe* – décimo quinto episódio, que se passa à meia-noite em Nighttown – em que a genealogia de Leopold Bloom é revelada ao leitor num paralelo (paródia) com a do Cristo, de acordo com o evangelho de Mateus.

O resgate à genealogia patrilinear não é desmotivado, sendo utilizado em raros contextos dentro do judaísmo, como na nomeação de uma linhagem real – a de David, no caso de Jesus Cristo, o Messias. O paralelo encontrado em *Ulysses* possivelmente pretende (conjuntamente a outros elementos do episódio) apresentar Bloom como um Messias. Talvez seja apenas mais um delírio de Leopold enquanto se vê perdido numa zona mal-vista da cidade. Todavia, é possível que esse delírio messiânico, aparentemente, puramente cômico e *bobo* (“Bloom é um bobo”, dirá *uma mão morta* em sequência à linhagem deste protagonista (JOYCE, 2012, p. 739)), revele uma dor latente que aflige a personagem de Leopold durante todo o romance: a morte de seu filho. Uma genealogia apresentada em um episódio rondado pela morte, que talvez além de revelar a filiação de um *quase judeu*, inscreva silenciosamente a gênese de um filho sem filho (tal qual o Cristo tradicional): a genealogia de uma perda.

## 2. Rudy em Circe

*Circe* é um episódio recheado de devaneios. Como aponta Caetano Galindo em seu *Sim, eu digo sim* (2016), vemos nesse episódio a encenação de um “circo de alucinações”, onde pouco “de fato” ocorreu fora da cabeça das personagens (GALINDO, 2016, p. 270). É um episódio bastante longo, cujo pano de fundo é um distrito fictício de Dublin (Nighttown), onde prostíbulos existem. É num bordel, inclusive, que parte importante de *Circe* ocorre (o seu segundo ato, ainda segundo Galindo): Stephen Dedalus termina tragicomicamente sua bebedeira desenfreada, alucinando com a lembrança da mãe morta e destruindo coisas. Ao se assustar com suas próprias peripécias, Dedalus foge do bordel e, durante a fuga, na rua, acaba apanhando de um soldado inglês e desmaiando, uma espécie de morte simbólica. Bloom vê o ocorrido e a visão que ele tem de Stephen caído, cena que finaliza o episódio *Circe*, parece-nos interessante para a análise aqui proposta sobre a genealogia bloomiana. Vejamos, ainda conforme Galindo, uma leitura interessante dos momentos finais do episódio referido:

A *cena* final, em que Bloom algo inexplicavelmente “comunga com a noite”, ajoelhado ao lado de Dedalus, é belíssima e, como sempre, oscila também entre o sublime e o irônico, pelo menos: pois Bloom acha que em vez de *Fergus* ouviu Dedalus dizer o sobrenome de alguma moça que ama. Seria mais estranho ainda ele recorrer, neste momento, ao que parecem ser fragmentos de poesia e de juramentos maçônicos? O *mestre secreto* inclusive é um grau do rito escocês.

O que *acontece* agora? Em termos prosaicos, Bloom vê o rapaz caído e pensa que ele poderia ser seu filho.

<sup>2</sup> O tema dos hábitos alimentares, ainda que bastante interessante à investigação sobre o judaísmo de Bloom, não será ter a centralidade neste estudo. Se há interesse nessa temática, recomendamos o estudo de Jaye Berman Montresor, “Joyce’s Jewish Stew: The Alimentary Lists in *Ulysses*”.

O que *vemos* no livro? A linda imagem de um menino morto há 11 anos, com a aparência que teria se tivesse vivido, com a roupa da escola mais elegante que poderia frequentar, sapatos de cristal (os *pés de barro* desse ídolo idealizado), protegido por um elmo de bronze e lendo, como os judeus (se Bloom é um não judeu por ter mãe católica, Rudy também o seria), da direita para a esquerda. Seu gesto de beijar o livro indica que se trata de um texto sagrado.

Esse Rudy, na verdade, é um acúmulo de símbolos, como que um dicionário cifrado da perda sofrida por Bloom. E por Molly. Assim deixamos Poldy olhando, “maravilhado”, para esta que talvez seja a segunda alucinação de fato no episódio (Bloom realmente viu seu filho?). Cuidando de Dedalus. Sozinho na rua, no escuro. Sem saber para onde ir.<sup>3</sup> (2016, p. 296-297)

Rudy, o filho morto de Molly e Bloom, tem a mais notável aparição do livro nesse encerramento de Circe. É também essa morte que, de alguma maneira, ligará Bloom e Dedalus (se já antes não os havia ligado), completando suas ausências e dando fôlego para os últimos episódios madrugueiros com o fatídico despertar de Molly Bloom (que talvez tenha se *desligado* gradualmente de Leopold pela morte do filho). Rudy, apesar de não estar presente, é uma dor permanente que percorre o livro e que poderia ser ligada à temática da *morte* numa forma geral, que se faz presente de formas diversas durante a narrativa, do afogado ao cemitério.

Ocorre que a *morte*, essa incerteza dolorosa, já havia sido enunciada algumas vezes também durante Circe: ouvimos falar de suicídio, há a presença de falecidos (mãe de Dedalus; filho de Bloom) e a própria morte simbólica de Stephen. A atmosfera pesada de Nighttown parece-nos ligada à figura de Rudy Bloom. Um pequeno judeu morto, aos olhos do pai. Uma ausência que se liga àquela de sua filha, Milly, também ida (não morta, como o filho, mas enviada, aos mandos do pai, a outra cidade a fim de completar os estudos). Uma ausência que, enfim, possibilitaria a Bloom encarar a si mesmo enquanto um pai sem filhos: um novo Cristo?

### 3. Bloom, o judeu

<sup>3</sup>

A cena final de Circe, analisada por Galindo, é a seguinte:

“BLOOM

(*Comunga com a noite*) O rosto me lembra o da coitada da mãe. No bosque sombrio. O fundo e alvo seio. Ferguson, acho que eu peguei. Uma moça. Alguma moça. Melhor coisa que podia acontecer com ele... (*Ele murmura*) ...juro que sempre louvarei, sempre ocultarei, nunca revelarei, qualquer parte ou partes, arte ou artes... (*Murmura*) ...nas rudes areias do mar... longe da praia uma toa... onde reflui a maré... e flui...

(*Silente, pensativo, alerta monta guarda, dedos nos lábios na atitude do mestre secreto. Contra a parede escura uma figura surge lenta, um menino encantado de onze anos, um bebê trocado, raptado, vestindo um terno de Eton com sapatos de cristal e um pequeno elmo de bronze, segurando um livro. Ele lê da direita para a esquerda, inaudivelmente, sorrindo, beijando a página.*)

BLOOM

(*Maravilhado, chama inaudivelmente*) Rudy!

RUDY

(*Fita sem ver os olhos de Bloom e segue lendo, beijando, sorrindo. Tem um delicado rosto bordô. Em seu terno há botões de diamante e de rubi. Na mão esquerda livre segura uma fina cana de marfim com um laço violeta. Um cordeirinho branco espia do bolso de seu colete.*)” (JOYCE, 2012, p. 863)

Por mais que *normativamente*<sup>4</sup> Leopold Bloom não seja um judeu, percebemos que ele é visto como tal pela sociedade dublinense através de sua peregrinação no dia 16 de junho de 1904, sofrendo, por diversas vezes, provocações e insultos antissemitas. Para além dessa percepção do seu entorno, Morton P. Levitt nos lembra que as reminiscências de infância de Poldy, geralmente, aparecem recheadas de referenciais judaicos, uma infância que, de um modo um tanto distorcido, moldou uma auto-imagem judia do protagonista joyceano. Levitt ainda sugere que o judaísmo é uma chave central de leitura do *Ulysses*, sendo Poldy, por mais que *fora da norma*, o maior judeu moderno:

Perhaps *Ulysses's* greatest surprise—as it was to me in that early seminar essay—is that Jewish images are not tangential in the novel but central, providing its most prevalent and, arguably, its most important pattern: it is not the myth and metaphor of Homer that provide the key to *Ulysses*, but those of Jewishness, as Joyce understood their relevance in the modern world. There are more than two hundred Jewish references in *Ulysses* (approximately double the number of Catholic images), virtually all of them connected to Bloom (as are, surprisingly, many of the Catholic images). But where he tends to think of Catholics as “them,” they invariably think of him as a Jew. There is an evident immediacy about Bloom’s Jewish references, many of which go back to his childhood as the son of an immigrant Jewish father from Szombathely, Hungary. Yet, strikingly, every one of these references is either incorrect or incomplete, or, in some cases, both incorrect and incomplete.<sup>5</sup> (LEVITT, 2004-2005, p. 145)

Para Levitt, esse judeu de Joyce é uma espécie de protótipo de toda a literatura moderna que viria. As palavras do crítico parecem ressoar uma tese antiga, de Phillys Joyce Levy, de que o retrato do judeu em *Ulysses* é uma fuga da imagem comum até então do vilão avarento, para uma imagem do indivíduo alienado tanto de sua *pátria* quanto da sociedade em que vive (LEVY, 1968) – uma alienação que, diga-se de passagem, é também uma possível ligação entre Bloom e Dedalus. O judaísmo não seria, portanto, um fator secundário à constituição de Poldy, mas uma espécie de essência da *esquisitice* notada pela sociedade na sua figura e explorada, não raramente, de forma antissemita.

É comum o reconhecimento de Leopold Bloom enquanto uma personagem judia por críticos judeus. Todavia, Cormac Ó Gràda, ao levantar dados históricos sobre a Dublin da virada do século XIX para o XX, constatou que o conhecimento de Joyce acerca da comunidade judia dublinense do período parecia não ser tão preciso. O próprio casamento dos pais de Poldy seria algo dificilmente imaginável naquele período

<sup>4</sup> De acordo com as leis judaicas.

<sup>5</sup> Talvez a maior surpresa de *Ulysses* – como foi para mim naquele inicial ensaio seminal – seja que imagens judias não são tangenciais no romance, mas centrais, provendo seu padrão mais prevalente e, indiscutivelmente, mais importante: não é o mito e a metáfora de Homero que provê a chave a *Ulysses*, mas aquelas do judaísmo, uma vez que Joyce entendeu a sua relevância ao mundo moderno. Há mais de duzentas referências judias em *Ulysses* (aproximadamente o dobro do número das imagens católicas), todas conectadas virtualmente a Bloom (como são, surpreendentemente, muitas das imagens católicas). Mas onde ele tende a pensar em católicos como “eles”, ele invariavelmente pensa em si como judeu. Há uma evidente imediação sobre as referências judias de Bloom, muitas das quais retornam a sua infância enquanto filho de um pai imigrante judeu de Szombathely, Hungria. Mas, contundentemente, cada uma dessas referências ou é incorreta ou incompleta, ou, em alguns casos, incorreta e incompleta. (Todas as traduções são nossas, exceto quando indicado o contrário na bibliografia)

e nas circunstâncias em que os judeus se encontravam na Irlanda (GRÀDA, 2005, p. 22-23). Contudo, apesar da construção um tanto controversa da personagem, mesmo Gráda parece não questionar que Bloom é um judeu:

Of course, critics also debate Bloom's Jewishness. On the one hand, it is claimed that he did not qualify by strictly confessional criteria (compare Steinberg; Levitt, "Family of Bloom"). His mother, Ellen Higgins, was a gentile; his father converted in order to marry her; their son Leopold was neither circumcised nor bar mitzvahed; he married out, going through the motions of conversion to Catholicism in the process; he flouted the Jewish dietary laws, and proclaimed himself an atheist. On the other hand, in support of the Jewish Bloom there is the possibility that his maternal grandmother was a Hungarian Jew. But surely what matters most is that Bloom was perceived as (or even mistaken for) Jewish by others: in *Cyclops* he is dubbed "a new apostle to the gentiles" and the "new Messiah for Ireland" by the anti-Semitic "Citizen." The deity that he rejected was Jewish, and he always wore his Jewishness on his sleeve. For Joyce too, surely Bloom was an Irish Jew.<sup>6</sup> (GRÀDA, 2005, p. 18)

É interessante também perceber que as figuras mais fortemente relacionadas com a dor de Poldy são representadas, em *Ulysses*, como judeus: o pai, que se suicidou, e o filho, que morreu prematuramente. Ainda que Leopold não seja um judeu dentro da normativa religiosa e, portanto, não siga os preceitos da vida judaica, essa presença da dor em sua genealogia patrilínea talvez possa ser vista como mais um resquício de sua *yiddishkeit*<sup>7</sup>. A família tem um papel central no Talmude judaico, sendo a prole um motivo de preocupação. Acerca desse tema, vejamos alguns comentários de A. Cohen à seção sobre os filhos no Talmude:

L'ardent désir d'avoir des enfants, en particulier des fils, qui caractérisait les Orientaux, se reflète souvent dans les pages du Talmud. Un jeu de mots fait des enfants (*banim*) des constructeurs (*bonim*). Sur eux repose l'avenir non seulement de la famille mais aussi de la communauté (*Ber.* 64 a). « Une personne sans enfants est réputée morte » (Genèse R. 71, 6), puisqu'elle n'accomplit pas le principal devoir qui lui incombe, et que son nom périsse avec elle.

(...)

Nombreux sont les textes qui manifestent la préférence donnée aux fils par rapport aux filles et qui en donnent les raisons.<sup>8</sup> (COHEN, 1950, p. 223-224)

<sup>6</sup> Claro, críticos também debatem o judaísmo de Bloom. Por um lado, alega-se que ele não se qualificaria pelo critério estritamente confessional (compare-se Steinberg; Levitt, "Family of Bloom"). Sua mãe, Ellen Higgins, era uma gentia; seu pai convertido a fim de se casar com ela; os filhos deles, Leopold, não era nem circuncidado, nem havia passado pelo bar mitzvah; ele se casou fora, passando pelo gesto de conversão ao catolicismo no processo; ele desprezou as leis dietéticas e proclamou a si mesmo um ateu. Por outro lado, em apoio ao Bloom judeu há a possibilidade de que sua avó materna fosse uma judia húngara. Mas com certeza o que importa mais é que Bloom era percebido como (ou mesmo confundido com) um judeu pelos outros: em *Ciclope* ele é chamado de "um novo apóstolo para os gentios" e "um novo Messias para a Irlanda", pelo "Cidadão" antisemita. A deidade que ele rejeitava era judia e ele sempre vestiu seu judaísmo na manga. Para Joyce também, certamente Bloom era um judeu irlandês.

<sup>7</sup> "Judeidade", numa tradução livre: *-keit* (do alemão) e *-idade* (do português) são sufixos ligados à abstração.

<sup>8</sup> O ardente desejo de ter filhos, em particular filhos homens, que caracterizava os Orientais, se reflete frequentemente nas páginas do Talmude. Um jogo de palavras faz dos filhos (*banim*) os

Levitt vê o remorso de Poldy em *Ítaca* (ao refletir sobre o pai), também como uma reflexão acerca de Rudy e da incapacidade (gerada pela morte prematura) de passar a sua herança, a sua *yddishkeit*, e, de certa forma, a sua subjetividade. Assim como no texto do *Gênesis*, citado por Cohen (“Uma pessoa sem filhos é considerada morta”), Bloom parece ter algo de morto, uma perda de uma parte de si que se foi com seu pai e com seus filhos (uma vez que, lembre-se, Milly também já não vive com a família e é provável que não volte). Sobre essa perda subjetiva e suas consequências em Poldy, lê-se em *Ítaca*:

Por que Bloom vivenciou um sentimento de remorso?  
 Porque por imatura impaciência ele tratara com desrespeito certas crenças e práticas.  
 Tais como?  
 A proibição do uso de carne e leite em uma mesma refeição: o simpósio hebdomatário de excompatriotas coexreligionários mercantis perfervidamente concretos, incoordenadamente transcendentos: a circuncisão dos rebentos homens: o caráter sobrenatural da escrita judaica: a inefabilidade do tetragrama: a santidade do sabá. (JOYCE, 2012, p. 1019-1020)

Essa pequena e bela confissão de Poldy é um dos raros momentos em que o personagem parece se entregar a alguma forma de melancolia. Parece menos um arrependimento e mais uma constatação e enfrentamento de uma perda: a de Bloom, o judeu. A *yddishkeit* seria uma ligação que lhe possibilitaria de alguma forma redimir o suicídio do pai na vida do filho. Ocorre que a ligação é quebrada e o judeu se aliena ainda mais do ambiente, mesmo daquele familiar. Em meio a essas ruínas, surge uma nova e mesma possibilidade messiânica: Bloom.

#### 4. Messias, disse a voz

O messianismo de Bloom sem dúvidas é legatário daqueles provenientes das tradições judia e cristã. O Messias cristão, Jesus Cristo, será a personagem parodiada por Poldy em *Circe*. Entretanto, como já vimos, a tradição judaica é central para a construção de Leopold (bem como de Jesus), o que nos leva a alguns esclarecimentos preliminares sobre o surgimento da figura messiânica na tradição judaico-cristã. Sobre o papel do messias na religião judaica clássica (ou seja, do Velho Testamento), esclarece Mircea Eliade:

De acordo com as profecias escatológicas, o mundo renovado será regido por Javé ou por um rei designado por Deus e que governará em seu nome. Esse rei, geralmente denominado o “Ungido” (*mâsiah*), era tido como descendente de Davi. Isaías fala de uma “criança”, um “filho para o trono de Deus” (9:1-6), “um ramo do tronco de Jessé” (11:1), que reinará com justiça num mundo paradisíaco onde “o lobo morará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com

---

construtores (*bonim*). Sobre ele repousa o futuro não apenas da família, mas também da comunidade (*Ber.* 64 a). “Uma pessoa sem filhos é considerada morta” (*Gênesis*, 76, 1), eis que ela não cumpriu o dever principal a ela incumbido, e que seu nome perecerá consigo.

(...) Numerosos são os textos que manifestam a preferência dada aos filhos comparados às filhas e que a isso justificam.

o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará” (11:6). Zacarias divide a dignidade messiânica entre a autoridade temporal e o poder espiritual, Zorobabel e o sumo sacerdote Josué (4:1-6; 10:6-14). Em outra profecia, descreve a entrada em Jerusalém do rei messiânico, “justo e vitorioso, humilde, montado sobre um jumento” (9:9-10).

É importante esclarecer que a expressão o “Ungido de Javé” era originariamente aplicada ao rei que estava no poder. A personagem escatológica foi, portanto, comparada a um rei. Mais tarde, falou-se da unção dos sacerdotes, dos profetas e dos patriarcas. Ser “ungido” por Javé denotava uma relação mais íntima com Deus. Contudo, no Antigo Testamento, o “messias” escatológico não é um ser sobrenatural, descido do Céu para salvar o mundo. *A redenção é obra exclusiva de Javé*. O messias é um mortal, vergôntea do tronco davídico, que se sentará no trono de Davi e reinará com justiça. Certos historiadores chegaram à conclusão de que a espera messiânica surgiu nos círculos animados pelo entusiasmo escatológico, mas que permaneceram fiéis à monarquia davídica. Esses grupos, porém, só representavam uma minoria, e foi por esse motivo que a espera messiânica não exerceu uma influência significativa. (ELIADE, 2011, p. 224-225)

O mito do *khristós* (equivalente grego do “ungido”) é uma das bases da religião cristã, sendo contado desde o início da Bíblia moderna. O Evangelho de Mateus, um dos quatro canônicos para a tradição cristã, é o primeiro livro do Novo Testamento da Bíblia Sagrada. O seu primeiro parágrafo descreve a genealogia de Jesus Cristo, nas conformidades da tradição judaica, em que a linhagem patriarcal é destacada em caso de uma genealogia real, como a do Messias, que remonta ao Rei Davi, de acordo com a profecia judaica:

<sup>1</sup> Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.<sup>2</sup> Abraão gerou a Isaac; e Isaac gerou a Jacó; e Jacó gerou a Judá e a seus irmãos;<sup>3</sup> E Judá gerou a Farés e a Zerá, de Tamar; e Farés gerou a Esrom; e Esrom gerou a Aram;<sup>4</sup> E Aram gerou a Aminadab; e Aminadab gerou a Naasson; e Naasson gerou a Salmon;<sup>5</sup> E Salmon gerou a Booz, de Raab; Boaz gerou Jobed, de Rute; e Obede gerou a Jessé;<sup>6</sup> E Jessé gerou o rei Davi; e o rei Davi gerou a Salomão, daquela que foi mulher de Urias.<sup>7</sup> E Salomão gerou a Roboão; e Roboão gerou a Abias; e Abias gerou a Asa;<sup>8</sup> E Asa gerou a Josafá; e Josafá gerou a Jorão; e Jorão gerou a Ozias;<sup>9</sup> E Ozias gerou a Joatão; e Joatão gerou a Acáz; e Acáz gerou a Ezequias;<sup>10</sup> E Ezequias gerou a Manassés; e Manassés gerou a Amon; e Amon gerou a Josias;<sup>11</sup> E Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos por ocasião do exílio na Babilônia.<sup>12</sup> E, depois do exílio na babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel gerou a Zorobabel;<sup>13</sup> E Zorobabel gerou a Abiud; e Abiud gerou a Eliacim; e Eliacim gerou a Azor;<sup>14</sup> E Azor gerou a Sadoc; e Sadoc gerou a Aquim; e Aquim gerou a Eliú; <sup>15</sup> E Eliú gerou a Eleazar; e Eleazar gerou a Matã; e Matã gerou a Jacó;<sup>16</sup> E Jacó gerou a José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, o chamado Cristo.<sup>17</sup> Portanto, o total das gerações é: de Abraão até Davi, quatorze gerações; de Davi até o exílio na Babilônia, quatorze gerações; e do exílio na Babilônia até Cristo, quatorze gerações. (BÍBLIA, p. 1703-1704 – os números aqui apenas representam os versículos)

Note-se que esse texto é a abertura do Novo Testamento, o texto propriamente revolucionário, novo, cristão, da Bíblia, e que é, por outro lado, carregado de tradição, mística e sangue judaicos, assim como Jesus. O Messias cristão é, afinal, um carpinteiro judeu. Talvez esse ponto de intersecção da figura do Cristo seja interessante para a análise do próprio Leopold Bloom, outro judeu controverso, entre-mundos. Por mais

que, conforme a Proposição IX de Jules Isaac, Jesus tenha vivido sob a lei judaica, sem tê-la ab-rogado (ISAAC, 1986, p. 51-72), enquanto Poldy, como já mencionamos, tenha escolhido desprezar as leis de seu pai, a figura messiânica não depende das conformações desses personagens às leis (lembre-se que Cristo reforma a tradição judaica por meio de seu Evangelho, criando as bases do que viria a ser o cristianismo). Dito isto, encontramos em *Circe*, um episódio que, de certa forma, também abre um “novo livro” (pela criação de um vínculo entre Bloom e Dedalus), uma paródia da genealogia do Cristo:

BRINI, NÚNCIO PAPAL

(Com uniforme de zuavo papal, couraças de aço como peitoral, braços, coxotes, grevas, grandes bigodes profanos e mitra de papel marrom) *Leopoldi autem generatio*. Moisés gerou Noé e Noé gerou Eunuco e Eunuco gerou O'Halloran e O'Halloran gerou Guggenheim e Guggenheim gerou Agendath e Agendath gerou Netaim e Netaim gerou Le Hirsch e Le Hirsch gerou Yeshurum e Yeshurum gerou MacKay e Mackay gerou Ostrolopsy e Ostrolopsy gerou Smerdoz e Smerdoz gerou Weiss e Weiss gerou Schwarz e Schwarz gerou Adrianopoli e Adrianopoli gerou Aranjuez e Aranjuez gerou Lewy Lawson e Lewy Lawson gerou Icabudonosor e Icabudonosor gerou O'Donnell Magnus e O'Donnell Magnus gerou Christbaum e Christbaum gerou ben Maimun e ben Maimun gerou Dusty Rhodes e Dusty Rhodes gerou Benamor e Benamor gerou Jones-Smith e Jones Smith gerou Savorgnanovich e Savorgnanovich gerou Jaspertone e Jaspertone gerou Vingtetunieme e Vingtetunieme gerou Szombathely e Szombathely gerou Virag e Virag gerou Bloom *et vocabitur nomen eius Emmanuel*. (JOYCE, 2012, p. 739)

Essa genealogia bloomiana é claramente cômica, composta por nomes judaicos e também por neologismos em diversas línguas, como nota Declan Kiberd em suas notas ao *Ulysses* comentado da Penguin Books. Lê-se nas notas:

615.27-9 *Guggenheim, Le Hirsch*: Jewish bankers and philanthropists as were some others named.  
 615.31 *Weiss, Schwarz*: Ger., ‘white, black’.  
 615.34 *Ichabudonosor*: ‘Ichabod’ is Hebrew for ‘bad fortune’. (G)  
 616.2 *Christbaum*: Ger., ‘Christmas tree’.  
 616.6 *Vingtetunième*: Fr., ‘the twenty-first’.  
 616.7 *Szombathely*: Hungarian birthplace of Rudolf Virag.<sup>9</sup> (KIBERD, 2011, p. 1136)

Ora, ainda que a linhagem de Leopold não tenha os mesmos componentes que aquela de Jesus Cristo (sendo a ausência do Rei Davi bastante suspeita), é notável a inclusão da passagem de Isaiás: *et vocabitur nomen eius Emmanuel* (“e chamará o seu nome Emanuel”). A etimologia do nome é popular: “Deus conosco”; uma espécie de coroação de Poldy enquanto um novo Messias. Perceba-se que, como o Cristo palestino, o Messias irlandês também se encontra na periferia de um império (fato que é

<sup>9</sup> 615.27-9 *Guggenheim, Le Hirsch*: Bancários judeus e filantropos assim como eram outros nomeados..

615.31 *Weiss, Schwarz*: Ale., ‘branco, preto’.

615.34 *Ichabudonosor*: ‘Ichabod’ é o hebreu para “má sorte”. (G)

616.2 *Christbaum*: Ale., ‘Árvore de natal’.

616.6 *Vingtetunième*: Fr., ‘o vigésimo primeiro’.

616.7 *Szombathely*: local de nascimento húngaro de Rudolf Virag.

assinalado em *Circe* com a presença dos soldados ingleses e a fatídica derrota de Dedalus para um deles – um possível messianismo, enquanto revolução social, também presente em Stephen?<sup>10</sup>). No entanto, qual seria a função desse novo Messias?

Como já mencionamos brevemente, o messianismo tem características bastante distintas nas tradições judaica e cristã, embora ambas compartilhem da mesma fonte e do mesmo mito. É preciso ser dito que a ciência judaica moderna pouco tem a ver com a concepção que existe no senso comum sobre o pensamento judeu (muito misturada, em nosso país de tradição predominantemente católica, com a leitura cristã do messianismo). Itzack Baer, ao analisar o *Galut* (a “diáspora”, mas não no simples sentido histórico, mas enquanto uma categoria central à filosofia judaica), afirma:

Na segunda metade do século dezessete, os fundamentos do velho credo judaico já estavam minados por dois lados: pelo racionalismo e pelas autocontradições da doutrina do Messias. Não obstante, o judaísmo reconhecido como legítimo continuou existindo até meados do século dezoito, mantendo-se inabalado em sua antiga constituição e caráter espiritual. Essencialmente, esse judaísmo remanesceu tal como fora dois mil anos antes, ou, pelo menos, caso tenha ocorrido alguma evolução, ela não foi além do limite das matizes. O judaísmo ainda defendia os mesmos conceitos escatológicos de história, com o povo eleito no centro – exceto que a moldura desse conceito fora ampliada no curso dos séculos, a fim de poder incluir os materiais históricos e filosóficos que gradualmente se acumularam em seu redor. (BAER, 1977, p. 119)

Por mais que o que se entende por *judaísmo* tenha um tempo cronológico diferente de transformação interna, no início do século XX, o messianismo já não tinha o mesmo caráter do que encontramos na Bíblia. É importante lembrar que, nesses milênios de existência, houve outros movimentos messiânicos judaicos, como o sabatianismo e o hassidismo<sup>11</sup>. Por outro lado, o cristianismo confirmou o Jesus nazareno como o Messias prometido dos judeus, sendo que o mesmo Cristo deverá ter um retorno ao nosso mundo antes de seu fim, segundo a tradição escatológica cristã. Não é difícil a percepção de que essas noções messiânicas possuem significações diversas as suas tradições escatológicas. Enquanto o “ungido de Javé” judaico confirma a reconquista de Israel, o sacro território originário, o messias cristão simboliza uma espécie de redenção da humanidade, uma vitória sobre o pecado na ressurreição: a possibilidade de uma nova vida. Tradições diversas, mas que possuem em comum uma promessa de futuro contornada por figuras messiânicas.

Entre essas tradições nasce Leopold Bloom, comparável a Jesus Cristo pelas ausências (de filhos, de esposa, de identificação com seu entorno e com sua própria religião). Quando o encontramos, em 1904, é um homem solitário a peregrinar, sem

<sup>10</sup> Lembre-se que a “complementaridade” de Dedalus e Bloom, bem como o emaranhamento de referências dentro de Ulysses, são características bastante exploradas pela crítica literária. Assim, não seria totalmente absurdo imaginarmos que o próprio Dedalus poderia figurar como uma espécie de Cristo ao se prostrar contra os guardas ingleses, figuras coloniais semelhantes aos romanos presentes na palestina – uma lembrança constante da Israel perdida. Por isso a possibilidade desse Messias enquanto “revolucionário social” em Dedalus não ser um simples absurdo, mas, talvez, a reverberação da referência mística que percorre Circe.

<sup>11</sup> Impossível no presente trabalho nos estendermos sobre os interessantes (e múltiplos) movimentos messiânicos judeus, todavia recomendamos a obra de Gershom Scholem, *As Grandes Correntes da Mística Judaica*, como uma forma de aproximação preliminar da mística judaica como um todo.

filhos, sem esposa, devoto a si, *Emanuel*. É interessante notar, como faz Levitt, que a genealogia de Bloom não permite uma genealogia de Rudy (LEVITT, 2004-2005, p. 156-157). Constrói-se, através da sucessão massiva de filhos, a ausência do único que realmente importa a Poldy; a realeza messiânica é revelada pela perda. Como o Cristo, Bloom se torna o esgotamento da linhagem que carrega em si a morte (não há a cruz, mas há o suicídio e a própria morte de si no fim da linhagem). Torna-se o ungido tardio, que agarra o filho ausente que vê em Dedalus, ao final de *Circe*, como se fosse a Israel reconquistada. Uma Israel, contudo, já impossível, como vemos em *Gado do Sol*: “Não, Leopoldo. Nome e memória te não trazem solaz. A juvenil ilusão de tua força de ti foi tirada e em vão. Filho algum de tuas entranhas é contigo. Não há ninguém que agora seja para Leopoldo o que Leopoldo foi para Rodolfo.” (JOYCE, 2012, p. 644)

## 5. O filho sem filho

A perda de Rudy e o encontro com Stephen confluem, ao final de *Circe*, ainda em ressonância com a genealogia trágica de Leopold Bloom. O “filho sem filho” é a própria lembrança inconsciente de uma morte prematura, uma presença sutil e dificilmente manifesta no prático Poldy. O Messias é, por um lado, uma espécie de fim, que é dolorosa e nebulosamente experimentado pelo Sr. Bloom. Veja-se, novamente, algumas considerações de Levitt (2004-2005, p. 156-157):

He pursues the theme, unconsciously it seems, in “*Circe*,” as a Papal Nuncio announces the “generation of Leopold,” extending from Moses and Noah through Eunuch, O’Halloran and Guggenheim and ending when Szombathely begets Virag and Virag begets Bloom, “whose name shall be called Emmanuel” (404: 1055-69). Like the Deliverer of that name prophesied by Isaiah and adopted by Matthew, immanent Bloom, bearing with him all of our hopes and our sorrows, will have no son of his own; there will be no generation of Rudy.<sup>12</sup>

Em sequência e após mencionar diversas passagens em que Rudy foi lembrado por seu pai durante o dia, Levitt (2004-2005, p. 157) complementa: “If Bloom should hope for an instant to find in Stephen a surrogate for Rudy, we can hardly be surprised; that he fails might have been predicted. But Bloom will never know fully his impact on Stephen.”<sup>13</sup> Apesar de um tanto especulativo, há um impacto deixado em Dedalus pela falha de Poldy<sup>14</sup>. Essa falha prevista de Leopold em encenar uma paternidade com Stephen, que já era predita pelo fim de sua estirpe, na genealogia de *Circe*, reverbera nas palavras da dissertação de mestrado de Felipe Lopes dos Santos Oliveira (2014, p.

---

<sup>12</sup> Ele persegue o tema, aparentemente inconscientemente, em “*Circe*”, eis que um Núncio Papal anuncia a “geração de Leopold”, que se estende de Moisés e Noé através de Eunuco, O’Halloran e Guggenheim e termina com Szombathely gerou Virag e Virag gerou Bloom, “cujo nome deve ser chamado Emanuel”. Como a Anúnciação daquele nome profetizada por Isaías e adotada por Mateus, Bloom imanente, carregando consigo todas as nossas esperanças e tristezas, não terá filho próprio; não haverá geração de Rudy.

<sup>13</sup> Se Bloom pudesse esperar por um instante encontrar em Stephen um substituto para Rudy, nós poderíamos dificilmente nos surpreender; que ele falha deve ter sido previsto. Mas Bloom não vai nunca saber completamente o seu impacto em Stephen.

<sup>14</sup> Encerraremos o presente estudo com essa análise.

40), para quem Bloom seria um “pai que procura a si mesmo no filho”<sup>15</sup>. Ainda, sobre a morte incontornável de Rudy, escreve Oliveira:

A irreparabilidade do passado e a imprevisibilidade do futuro. Bloom tem consciência do que tenta fazer ao trazer para casa o filho de outro homem, alguém que lhe é quase tão estranho como é o palhaço da memória. Apesar do esforço, sabe que o projeto é vão mas não deixa de propô-lo. Tenta construir no lar um espaço em que possa atuar no papel que deseja para si, papel abortado pela morte do filho homem e pela ausência da filha mulher. A ele, basta que consiga tentar realizá-lo: parecem não importar muito as respostas de Stephen, contanto que ele consiga fazer as perguntas. A proposta de asilo não é aceita, mas o asilo é oferecido. Bloom precisa manifestar sua vontade de acolher, desejo que ficou sem resposta diante da solidão, depois da morte. O que ele tenta fazer é vencer o silêncio através do contato com uma figura filial, tenta oferecer o que diante da morte não foi possível: asilo, abrigo, acolhimento, proteção contra o mundo que é árduo, difícil. Ele precisa de alguma noção de pertencimento, ainda que não tradicional. Precisa acolher para ser recebido, como se dar e receber fossem o mesmo verbo.

Bloom, o sujeito que tem prazer em ocupar lugares que não os dele, em colocar-se no lugar do outro, em saber do mundo através da experiência alheia, experimentou a interrupção que foi a morte de Rudy e quer dar continuidade à vida, inclusive por curiosidade, como se pudesse estar, de novo, perto de onde parou. Em Hades ele imagina o filho sem a interrupção da morte: “Se o meu Rudy tivesse sobrevivido. Ver ele crescer. Ouvir a voz dele pela casa. Caminhando ao lado de Molly com um terninho de Eton” (JOYCE, 2012, p. 209). Aqui, em Ítaca, ele quer experimentar, ainda que rapidamente, esta continuidade, pois a morte deixou o assunto em aberto. Como assinala Derrida (1997, p.21) ao comentar o conceito de morte em Lévinas: “Não em primeiro lugar o aniquilamento, o não-ser ou o nada, porém uma certa experiência, para o sobrevivente, do 'sem-resposta'”. Esta experiência demanda uma responsabilidade maior do que aquela que ligaria a morte ao nada. “O rosto do outro me interdita matar”, diz Derrida (1997, p.21). É que ele existe além da morte. É preciso dar conta dele, do outro, mesmo após seu desaparecimento. Não há possibilidade de matá-lo com o esquecimento.

Tal falta de resposta é uma tortura para um homem com a curiosidade de Leopold Bloom. Há uma vida imaginada que anda paralelamente à existência cotidiana do lar deste casal. O trecho enorme selecionado acima, em que o palhaço diz ser o filhinho de Bloom, mostra-nos que o homem mais velho tem apenas uma esperança distante de viver uma vida diferente a partir de um aceno positivo de Dedalus: ele imagina que este aceno não virá, sabe da irreparabilidade do passado. O que parece acontecer é uma tentativa de encenar alguns minutos da paternidade, numa busca por um tipo de gozo passageiro. É como se Bloom pudesse abrir, com a presença de Stephen, uma janela por onde ver a vida como ela não foi.<sup>16</sup> (OLIVEIRA, 2014, p. 40-41)

<sup>15</sup> Oliveira segue as formulações de Umberto Eco ao asseverar que Leopold Bloom “pode ser definido pelas relações que tenta completar: não é aceito na cidade por conta de sua origem judaica, não consegue se conectar à mulher por ser traído, não consegue chegar ao filho pois ele morreu.” (2014, p. 40)

<sup>16</sup> O trecho do *palhaço*, que esse excerto analisa é o seguinte:

“O que tornava problemática para Bloom a realização dessas proposições mutuamente autoexcludentes?

A irreparabilidade do passado: uma vez em um espetáculo de circo de Albert Hengler na Rotunda, Rutland Square, Dublin, um intuitivo palhaço variegado em busca de paternidade safra do picadeiro penetrando um ponto no auditório onde Bloom, solitário, estava sentado e declarara publicamente a um auditório extasiado que ele (Bloom) era o papaizinho dele (do palhaço).A

O passado é irreparável. Todavia, a figura do Messias não está ligada a uma reparação do passado: é a promessa de um futuro. Talvez esse seja o ponto chave da perda que une as personagens de Poldy e Dedalus. Rudy se foi, mas um Cristo foi nomeado. Talvez o caráter messiânico de Bloom, se revele mesmo, enfim, nesse melancólico encontro com Stephen. Como aponta Levitt, Poldy não saberia do impacto que esse encontro teve sobre Dedalus. Não houve a reparação da perda, mas algo agiu em Stephen. Se ele, Stephen, realmente escreveu *Ulysses* após esse encontro, é devido ao *milagre* do encontro com Leopold Bloom. Mais que um pai biológico, Poldy foi um messias judeu e cristão: redimiu Stephen e pelas suas palavras, pelo seu encontro, reconquistou a terra prometida, Irlanda, como um *Ulysses* judeu ao final da diáspora.

## REFERÊNCIAS

- BAER, Itzack. **Galut**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. Edição em Língua Portuguesa. São Paulo: Paulus, 2002.
- COHEN, A. **Le Talmud**. Trad. de Jacques Marty. Paris: Payot, 1950.
- ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideais Religiosas II**. Trad. de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- GALINDO, Caetano W. **Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GRÀDA, Cormac Ó. **Lost in Little Jerusalem: Leopold Bloom and Irish Jewry**. *Journal of Modern Literature*, 27.4 (Summer 2004), pp. 17–26. Indiana University Press, 2005.
- ISAAC, Jules. **Jesus e Israel**. Trad. de J. Guinsburg, Plínio Martins Filho e Attílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- JOYCE, James. **Ulysses**. London: Penguin Classics, 2011.
- JOYCE, James. **Ulysses**. Trad. de Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- LEVITT, Morton P. “**The Greatest Jew of All Time**”: James Joyce, Leopold Bloom and the Modernist Archetype. *Papers on Joyce* 10/11, 2004-2005, pp. 143-162.
- LEVY, Phyllis Joyce. **The Image of the Jew in James Joyce’s Ulysses**. Thesis for Master Degree – University of Richmond, 1968.
- MONTRESOR, Jaye Berman. **Joyce's Jewish Stew: The Alimentary Lists in Ulysses**. *Colby Quarterly*, Volume 31, no.3, September 1995, p.194-203.

---

imprevisibilidade do futuro: uma vez no verão de 1898 ele (Bloom) marcara um florim (2s.) com três ranhuras no bordo cunhado e o oferecera como pagamento de uma conta devida a e recebida por J.e T. Davy, vendedores de secos e molhados, I Charlemont Mall, Grand Canal, para circulação nas águas das finanças cívicas, para possível, sinuoso ou direto, retorno.

O palhaço era filho de Bloom?

Não.

A moeda de Bloom voltou?

Nunca.

Por que uma frustração recorrente o deprimiria ainda mais?

Porque no momento crítico da virada da existência humana ele desejava corrigir diversos problemas sociais, produtos da desigualdade e da avareza e da animosidade internacional.” (JOYCE, 2012, p. 983).

OLIVEIRA, Felipe Lopes dos Santos. **Encontros e exílios em Ulysses, de James Joyce**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPR, Curitiba, PR, 2014.

SCHOLEM, Gerschom. **As Grandes Correntes da Mística Judaica**. Trad. coletiva sob supervisão de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1972.